

*Com. 17-8-917*

**EURYCLES DE MATTOS**

---

**Das Bellas Artes no Brazil**



---

# **III — Architectura**

Para o concurso da cadeira de Historia das Bellas  
Artes da Escola Nacional de Bellas Artes



**RIO DE JANEIRO**

Officinas Graphicas da A NOITE — Rua Julio Cesar (Carmo), 29

1917



A ARCHITECTURA

DO MESMO AUTOR

Publicado :

ESTRELLEJAMENTOS (Versos, 1904) Exgottado.

A publicar:

POEMAS

NOVOS POEMAS

SENSAÇÕES (Chronicas de Arte).

O OUTRO (Theatro)

O DESEJADO (Theatro).

DAS BELLAS ARTES NO BRAZIL.

I — Poesia

II — Musica

III — Architectura

IV — Esculptura

V — Pintura

**EURYCLES DE MATTOS**



**Das Bellas Artes no Brazil**



# **III — Architectura**

Para o concurso da cadeira de Historia das Bellas  
Artes da Escola Nacional de Bellas Artes



**RIO DE JANEIRO**  
Officinas Graphicas da A NOITE — Rua Julio Cesar (Carmo), 29  
1917

243

3168/14  
20110/14  
817702

I



Os sabedores da archeologia pre-historica do Novo Mundo não deram ainda uma solução perfeita ao problema da existencia do homem americano. Autochtones ou adventicios, os povos, que, aqui, encontraram os europeus, ou eram invasores que exterminaram o homem primitivo, ou ficam restos de uma raça com civilização superior á das populações de Quinhentos. Não ha sahir disto, eternise-se a presumpção de que «aquelles homens nus, armados de arco e flecha, vivendo da caça e dos frutos silvestres, filhos nomades do sertão, são puros productos da natureza», considerando-se no estado de *innocencia paradisiaca*, concepção essa sem duvida encantadora de J. J. Rousseau, na observação de Martius para sua conferencia em Freiberg em 1888, traduzida por Th. Sampaio: *O passado e o futuro do homem americano*; explique-se sempre o conhecimento da America pelos antigos navegadores phenicios, florescendo os paizes de Ophir, de Parvaim e de Tharschisch no alto Amazonas, onde, ha 2880 annos, iam ter, á busca de ouro, os navios de Salomão e do rei de Tyro, conforme Onffroy de Thoron em suas *Voyages des vaisseaux de Salomon au fleuve des Amazonas e Voyages de flotte de Salomon et d'Hiram en Amérique*; *position géographique de Parvaim, de Ophir et de Tharschisch*, o conego Raymundo Ulysses de Pennaforte em seu *Brazil pre-historico* e, mais, Brasseur de Bourboug, Alcyde d'Orbigny e Hamar; vingue, amanhã ou depois, no que respeita directamente ao Brazil, a affirmação de E. Roquette Pinto em sua *Archeologia e Ethnographia*, de que a pre-historia não con-

segue reconhecer aqui as épocas classicas descriptas na Europa, não passando a nossa archeologia pre-historica de um capitulo de pura ethnographia. Não ha sahir disto, porque, com o registo de Rocha Pombo em sua *Historia do Brazil*, «emquanto se apura documentação sufficiente para resolver tamanho problema, e emquanto espiritos, muitos da mais elevada competencia e indiscutivel autoridade, se empenham sollicitos na vasta controversia que se abriu e que se amplia cada vez mais — uma verdade já podemos julgar, si não de todo liquidada, pelo menos entrevista, e talvez mais do que entrevista mesmo, pois que são já muito ponderosas as provas e os testemunhos que temos recolhido: é esta, de que aliás alguns americanistas já proclamam, sem hesitações e sem reservas, como irrecusavelmente demonstrada: — houve na America uma raça que precedeu a que os conquistadores aqui vieram encontrar; uma raça de cuja existencia restam vestigios seguros, por menos que se possa por emquanto explicar o seu desaparecimento.» E esses vestigios seguros — os adquiridos no estudo das linguas, dos caracteres anthropologicos, das crenças, dos costumes, têm maior significação, não ha quem n'ò conteste, nas descobertas do que de arte fizeram as populações pré-colombianas e pré-cabralias. Não se estima o apophtegma esthetico: a arte é a civilisação? E a America guarda em seu sólo, em bôa parte inexplorado ainda, numerosas amostras do poder artistico de semelhantes povos: sejam as inscrições lapidares e toda sorte de artefactos ceramicos recolhidos em Pacoval, Pernambuco, Ereré, Argentina e Chile, e respectivamente descriptos por Ladislau Netto em sua monographia impressa nos *Archivos do Museu Nacional*, vol. VI, John C. Branner em suas *Inscrições em Rochedos do Brazil*, traduzidas da *American Naturalist* por J. B. de Regueira Costa, Hartt em suas *Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas*, Eric Boman (em suas *Migrations pré-colombiennes dans le Nord-Ouest de l'Argentine*) e R. A. Philipp nos *Anales del Museo di Chile*; sejam os *mounds-builders* da Norte-America visitados por Hewett e Fulner, dos quaes trata longamente Latouche-Tréville em seu trabalho *L'ancienneté du Nouveau-Monde*; sejam os monumentos mexicanos lembrando as *cliffhouses* e as construcções em forma de *terres*,

dos Estados Unidos, e a muralha que circumda a cidade peruana de Cuzco, obra esta ultima que dá bem a idéa dos progressos da mecanica e da excellencia da arte das construcções entre os aimáras e kichúas — affirma-o Rocha Pombo, que avança mais dizendo, depois de salientar o desenvolvimento das artes, das industrias, de muitas sciencias mesmo, no Peru' antigo: «Mas, é na architectura que os peruanos tinham chegado aos prodigios mais surprehendentes», e cita, comprovando essas suas palavras, o juizo de V. Fidel Lopez, n'*As raças arianas do Peru'*, sobre a referida muralha: «muito superior a todos os trabalhos de fortificação que produziu a Europa antes da polvora», bem assim a descripção ainda de tamanha obra architectonica, de Fergussen em seu *Hand book of archit*: «A obra se compõe de immensos blocos de granito, até 8 a 10 pés de longo sobre 4 a 5 de largo e de alto e pesam de 15 a 20 toneladas. Os muros formam tres linhas ao longo de tres terraplenos graduados em amphitheatro. Estas linhas estão dispostas com uma sciencia que não se encontra em parte alguma outra no mundo em obras de fortificação anteriores á época da invenção da polvora. E' realmente bem singular que um povo rustico da America tenha attingido neste genero a uma perfeição que nem os gregos, nem os romanos, nem os engenheiros da edade média puderam alcançar.» São esses vestigios seguros, sobretudo, que constataam uma civilização americana superior á dos povos aqui encontrados pelos europeus. Por elles, mais, e com senso archeologico, fica estabelecido que as populações da America Occidental tiveram sua maior cultura menos longe de nós que os habitantes da America Oriental. Ha ainda o avanço de diversos scientes asseverando ter-se exaggerado sensivelmente a antiguidade das ruinas mexicanas, logo as do Peru' tambem, pois que todas parecem posteriores á era christã, não sendo sua vetustez senão resultado do clima: isto, em que peze ás opiniões de Guillaume Dupeix em *Antiquités mexicaines*, Desiré Charnay em *Les Anciennes Villes du Nouveau-Monde*, Ed. Seler em *Vandmalereien von Mitla*, R. Enock n'*As ruinas de Huánaco Viejo* e Pablo Patron, representante da Sociedade de Geographia de Lima no Congresso de Americanistas, reunido em Stuttgart em 1904, e onde contestou «que tenha

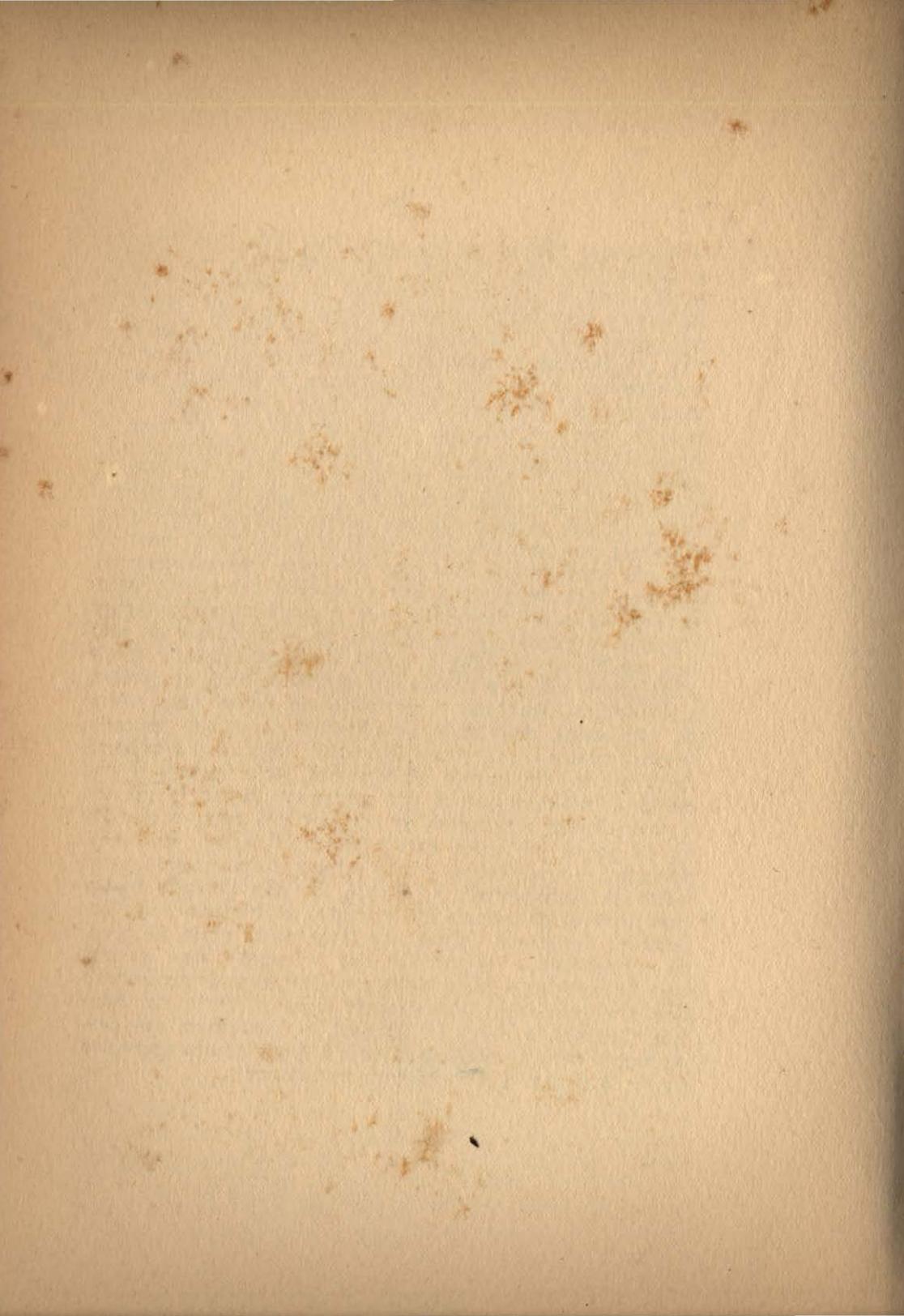
dos Estados Unidos, e a muralha que circunda a cidade peruana de Cuzco, obra esta ultima que dá bem a idéa dos progressos da mecanica e da excellencia da arte das construcções entre os aimáras e kichúas — affirma-o Rocha Pombo, que avança mais dizendo, depois de salientar o desenvolvimento das artes, das industrias, de muitas sciencias mesmo, no Peru' antigo: «Mas, é na architectura que os peruanos tinham chegado aos prodigios mais surprehendentes», e cita, comprovando essas suas palavras, o juizo de V. Fidel Lopez, n'*As raças aryanas do Peru'*, sobre a referida muralha: «muito superior a todos os trabalhos de fortificação que produziu a Europa antes da polvora», bem assim a descripção ainda de tamanha obra architectonica, de Fergussen em seu *Hand book of archit*: «A obra se compõe de immensos blocos de granito, até 8 a 10 pés de longo sobre 4 a 5 de largo e de alto e pesam de 15 a 20 toneladas. Os muros formam tres linhas ao longo de tres terraplenos graduados (em amphitheatro. Estas linhas estão dispostas com uma sciencia que não se encontra em parte alguma outra no mundo em obras de fortificação anteriores á época da invenção da polvora. E' realmente bem singular que um povo rustico da America tenha attingido neste genero a uma perfeição que nem os gregos, nem os romanos, nem os engenheiros da idade média puderam alcançar.» São esses vestigios seguros, sobretudo, que constataam uma civilização americana superior á dos povos aqui encontrados pelos europeus. Por elles, mais, e com senso archeologico, fica estabelecido que as populações da America Occidental tiveram sua maior cultura menos longe de nós que os habitantes da America Oriental. Ha ainda o avanço de diversos scientes asseverando ter-se exaggerado sensivelmente a antiguidade das ruinas mexicanas, logo as do Peru' tambem, pois que todas parecem posteriores á era christã, não sendo sua vetustez senão resultado do clima: isto, em que peze ás opiniões de Guillaume Dupaix em *Antiquités mexicaines*, Desiré Charnay em *Les Anciennes Villes du Nouveau-Monde*, Ed. Seler em *Vandalereien von Mitla*, R. Enock n'*As ruinas de Huánaco Viejo* e Pablo Patron, representante da Sociedade de Geographia de Lima no Congresso de Americanistas, reunido em Stuttgart em 1904, e onde contestou «que tenha

havido no Peru', em tempos primitivos, outras raças que não sejam as actuaes e constructoras de obras cyclicas.» De outra parte, é para edificar a quantos enfrentam o problema do homem americano esta conclusão de Pieter Lund, estudando o homem da Lagôa Santa: «o povoamento do Brazil deriva de tempos mui remotos e indubitavelmente anteriores aos tempos historicos», e mais esta: «a parte central do Brazil já existia como um extenso continente, quando as mais partes do mundo estavam ainda submersas no seio do oceano universal, ou surgiam apenas como ilhas insignificantes — tocando assim ao Brazil o titulo de ser o mais antigo continente do nosso planeta.» Explicam, de alguma forma, esses depoimentos á revelia propositada de outros igualmente importantes para a elucidação, ou quasi, da questão, pois que só a referencia a elles, a seguir, iria tornar mais pesado esse esforço de synthese sobre um assumpto a ser tratado, sem paradoxo, sempre empenhadamente com «leveza», — explicam, de alguma forma, esses depoimentos, repito, por que como expressões artisticas dos habitantes civilizados das regiões hoje brazileiras, antes de aportarem a ellas os portuguezes, apenas são apontados artefactos ceramicos e inscrições lapidares, quando, onde floresceram os dois longinquos imperios do Pacifico, ainda se podem apreciar, e admirar, verdadeiros monumentos de architectura. Em verdade, não indica um unico dos americanistas, que dado me foi consultar, a existencia, hoje, no Brazil conhecido, da ruina de um edificio como os de Tiahuanaco. Talvez, mesmo uma cidade inteira, de construcções excellentes e bellas, continue soffrendo a devastação do tempo, a velhice e a ancianidade dos seculos e seculos, por ahi estes sertões brazileos afóra... Vão tres annos apenas, Th. Roosevelt quiz atravessar o interior inexplorado do Brazil, e acabou descobrindo um rio!... Assim sendo, o estudo da architectura nesse paiz achado por Pedro Alvares Cabral, numa manhã de abril do anno da Graça de Deus de 1500, quando de rota para as Indias a completar a obra dos navegadores-herões, iniciados na escola de Sagres, e afim de melhor navegar, amarava procurando afastar-se das costas africanas, não pôde, em bôa fé, abranger mesmo um periodo pre-historico, que, aliás, existe, aqui, para as demais artes estaticas.

Com Araujo Vianna no seu curso *Das artes plasticas no Brazil*, e para não ir longe, «A Architectura, ao mesmo tempo, arte e sciencia, subordina a materia inorganica ás formas rigorosamente geometricas, e se rege pelas leis da estabilidade e da ornamentação. São suas annexas: a arte dos jardins, o mobiliario, as artes decorativas ou artes menores, e tambem a Esculptura, a Pintura; emfim todas as artes plasticas.» Dentro desse pensamento, o estudo se aprofundaria, não resta duvida, até encontrar a época de civilisação, á qual poz termo o indio invasor e exterminador do homem primitivo, ou a éra de cultura artistica do povo que recebeu os portuguezes, attestando, então, o que muitos chamam metamorphose regressiva, discutida por Martius, que, assim, conclue: «Os americanos não representam uma raça selvagem, representam antes uma raça degenerada que se tornou selvagem.» Mas, deve-se de notar para logo que o material archeologico a servir no estudo da pre-historia da esculptura e da pintura no Brazil continua á mercê de constituição e disciplina, como observa A. Vianna, muito embora as jazidas archeologicas em todo o territorio do nosso paiz sejam de alto valor, denotando os objectos ceramicos apurado gosto artistico — aprecia-o Roquette Pinto. E a continuar desse modo, finalmente, desbravaria, pelo menos, o caminho a trilharem outros, que pretendam conhecer quando e como foram architectos os maiores dos tupis e tapuias ou os povos por elles exterminados. Fico-me, por aqui, portanto, — que mesmo o meu intuito é, em quanto possa, fallar da Architectura no Brazil, no seu periodo historico: atravez da colonia, do reinado, do Imperio e da Republica; desde que Cabral «fez levantar na praia, no meio da curiosidade e do espanto dos selvagens, uma grande cruz de madeira e junto della um altar, o mais sumptuoso que era possivel», talqualmente reza a carta de Pero Vaz Caminha a el-rei D. Manoel, o Venturoso, até este momento em que mais se discute a Architectura que deve de ser a nossa, a Architectura tradicional...

---







## II

«Disse elle que não vira lá entre elles senão umas choupaninhas de rama verde e de fetos, muito grandes, como dentre Douro e Minho.» O epistolographo do primeiro encontro dos portuguezes com os incolas das costas da bahia Cabralia fez assim conhecer el-rei D. Manoel a impressão do degredado Affonso Ribeiro, a quando do regresso de sua primeira descida á terra nova. Mas, Pero Vaz Caminha junta, logo depois: «e o capitão mandou áquelle degredado Affonso Ribeiro, e a outros dos degredados, que fossem andar lá entre elles, e assim a Diogo Dias, por ser homem ledo, com que elles folgavam; e aos degredados mandou, que ficassem lá esta noite. Foram-se lá todos e andaram entre elles; e, segundo elles diziam, foram bem uma legua e meia a uma povoação de casas, em que haveria nove ou dez casas, as quaes diziam que eram tão compridas, cada uma, como esta nau capitanea, e eram de madeiras, e das ilhargas de taboas e cobertas de palha, de razoada altura, e todas em uma só casa, sem nenhum repartimento; tinham de dentro muitos esteios, e, de esteio a esteio, uma rêde atada pelos cabos em cada esteio, altos, em que dormiam; debaixo para se aquentarem, faziam seos fogos; e tinha cada casa duas portas pequenas, uma em um cabo e outra no outro; e diziam que em casa se colhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os achavam, e que lhes davam de comer daquella vianda, que elles tinham...» Até este instante, ninguem poz duvida á pinturesca descripção do escrivão da feitoria de Coneticut, sincera e justa quanto significa essa sua phrase, do proprio Vaz Caminha: «Bem

certo crea Sr. que para aformosentear nem afeiar — haja de poer aqui mais do que vi e me pareceu.» Tinham assim os indigenas como moradas choupaninhas como dentre Douro e Minho ou casas tão compridas, cada uma, como a náu capitanea da esquadra de Cabral. A raça degenerada de Martius ainda não chegára, pois, á condição do homem vivendo nas grutas resultantes das convulsões para a formação do globo terraqueo; do outro lado, o indio invasor que exterminára o povo-artista, cuja elevada e culta mentalidade attestam determinadas figuras ornamentaes da ceramica dos *mounds* de Marajó (Ladisláu Netto), apenas fazia seu abrigo... Era, dessa forma, a casa do incola sem arte e sem conforto. Os esthetas entendem que a Architectura não é a *construcção*, originando-se a casa antes do templo. A Architectura, a Arte, tem sua origem, o fundo, sempre na idéa divina, a idéa infinita. Não é sua origem, sentencia Luis Cabello y Aso em *La Teoria del Arte Arquitectónico*, «grosero hijo de necesidad puramente material; nada de eso: la necesidad material, urgente de proporcionarse una morada, queda satisfecha, ora apropiándose las cavernas naturales, bien horadando un hueco en el escarpe de las rocas, ó entretejiendo ramas y troncos de arboles, hasta construir una cabaña de tal qual forma, elevandola de tierra ó de análogo material de que dispone.» E' uma idéa de que se trata, de sentimento indefinivel, innato no coração humano, de imperiosa necessidade do espirito; trata-se de Deus, desse ser increado que a alma presente. E Cabello y Aso observa: «Tan levantada idéa no puede satisfacerse con solo la material satisfaccion de los sentidos: no puede cobijarse en aquellos recintos, y de entónces formas determinadas nacen, se crean para satisfacer tal pensamiento, tal sentir: *éste es el Arte*, entónces nace», — para concluir: «Por tal causa el origen de la Architectura, ni és la caverna, ni la cabaña, ni la tienda de campana, ni tal ó qual imitacion de un medio constructivo, que solo hace que prestar elementos á la forma en su parte material, si que és su fondo el afan que el espiritu siente de la perfectibilidad de remontarse á lo supremo, á lo ideal, á lo infinito, aun en los más pequenos detalles: este és su germen. Y por tanto, la idéa divina de una parte, y de otra el deseo de perfeccionar aquella tosca morada, producto sólo del empirismo

é instinto y razon natural, que todo sér Humano posee en mayor ó en menor escala, de imprimir además su pensamiento, condúcele al Hombre á dar las formas y tamaños propios, adecuados á su destino y á los materiales de que se vale, pero conformes con la idea, satisfaciendo de esta suerte su razon y sentimiento. — Asi sua estancia poetiza y asi la embellece, asi la idealiza; cúbrela además de signos, de emblemas, de alegorias que revelan lo que su alma siente, que lleva el pensamiento hasta la idéa divina. — De entónces la Arquitectura existe: ántes sólo existia, repitámoslo, la necesidad material cumplida, la construcción, el medio, pero nada más.» De feito, as choupaninhas como d'entre Douro e Minho não passavam da necessidade material satisfeita, para o homem que fazia seu desenvolvimento: o indio invasor, ou para o povo degenerando-se, com os que sustentam a regressão historica. E levantando suas choupaninhas, attendiam os indigenas ao primeiro dos princípios que devem presidir a construcção de todo edificio, segundo Vitruvio: «Hœc autes ita fieri debent, ut habeatur ratio utilitatis, firmitatis, venustatis.» Uteis, mas não solidas, mas não bellas: erão só abrigos, tão pequena choupanas, armadas á mão em quatro páos, cobertas de palha, ou palma, como aquellas que hoje servem, e amanhã se queimam», no commentario do padre Simão de Vasconcellos em sua *Chronica da Companhia de Jesús do Estado do Brazil*.

\* \* \*

Não se póde contrariar, a sério, o que escreveram Southey, Oliveira Martins e Rocha Pombo sobre a colonisação do Brazil, por seus casuaes descobridores: «Descoberto por acaso e ao acaso abandonado, por muito tempo...», diz o primeiro em sua *History of Brazil*; «Do Brazil, apenas descoberto, ninguem cura», pondera o segundo em seu trabalho *O Brazil e as Colonias Portuguezas*; e «Portugal perdia-se na Asia, porque lá neutralisava todas as suas energias; e a nós nos coube a angustia de um recordar doloroso para a vida», lamenta o ultimo em sua *Historia do Brazil*. Durante

um quarto de seculo, o vasto littoral da supposta «Ilha de Vera Cruz», de Cabral, ficou ao gosto dos contrabandistas, expulsos, afinal, em 1526 e 1530 por Christovam Jacques e Martin Affonso. Só, então, pois, é que os portuguezes se lembraram de colonisar aquella «terra por cima toda chan, e muito cheia de grandes arvoredos, de ponta em ponta; é toda a praia parma, muito chan e muito formosa», de que fallára a el-rei D. Manoel o escrivão Pero Vaz Caminha. E aquelle chefe expedicionario fundou a feitoria de Iguassu', tornando ao Reino, enquanto Martin Affonso, em quem sobravam as grandes e necessarias qualidades para tamanha empresa, elogio esse de Varnhagen, fez explorações, perseguiu os corsarios, indo até S. Vicente e fundando ali a primeira capitania brasileira. Nada existe da antiga villa da praia de Tararé. Desde mesmo 1542, lá não se via mais a casa do conselho, a cadeia e a matriz de Nossa Senhora d'Assumpção,—que tudo levára o mar: tudo que o capitão «poz em boa obra de justiça, de que a gente tomou muita consolação com vêrem povoar villas e ter leis e sacrificios, e celebrar matrimonios, e viverem na communhão das artes...», assim reza a chronica. Na communhão das artes!... E' Ricardo Severo, architecto portuguez, residente em S. Paulo, que em sua conferencia — *A arte tradicional no Brazil: a casa e o templo*, realisada em julho de 1914 na Sociedade de Cultura Artistica, quem diz: «E' claro que os primeiros estabelecimentos da costa tiveram o caracter transitorio de entrepostos, e não accusam typos architectonicos de relevo. Reduz-se essa arte elementar ás singelas habitações da pequena povôa maritima, cujo aspecto de misera humildade se estende ao proprio templo; este apenas tem a distinguil-o da casa dos homens o facto de ser a morada de Deus, ter o adminiculo do campanario e o singelo frontão encimado pela cruz, symbolo da fé tradicional que levou esses audazes argonautas do periplo luzitano pelas costas dos mundos ignotos mais longinquos.» Ha mais que a colonisação continuou com as capitancias e as governanças geraes só mandando o Reino para a terra nova degredados e mais degredados, embora sob a chefia de um nobre, porém um dos desatinados do banquete do Oriente, um desillu-

dido da India, que, si não matou propriamente a alma da raça, não ha duvida que feriu muito fundo aquellas gerações, e exactamente no momento em que ellas precisavam de ter muito vivo o seu instincto constructor — affirma-o Rocha Pombo. E documentos sobejam, provando que as povoações nasciam com a maior simplicidade. Era a capella de taipa e sebe; eram uns tujupares ao modo dos indios. Emfim, observa João Ribeiro em sua *Historia do Brazil*: «A fundação de uma cidade não era um problema novo para os portuguezes; muitas viram elles nascer nas ilhas e na Africa, ao redor dos fortes ou ao pé das feitorias; aqui, na America, dar-se-ia o mesmo mais tarde, e as cidades surgiriam, umas das missões e aldeias dos indios, outras das feiras do sertão, dos pousos de passagem e travessias dos grandes rios, muitas ao pé dos fortes que asseguravam as *entradas* pelo interior, como os *bourgs*, os *caster* e *abbadias*, e os *vada* dos rios, os mercados (*kermesses*) dos tempos medievaes. Entre todas essas, a primeira consideração intuitiva era a da defesa contra a ameaça externa». Foi isto mesmo o que se verificou aqui, não mais olhando os nucleos anteriores á vinda de Thomé de Souza mas a cidade que o primeiro governador geral do Brazil fundou, «para cabeça de Estado e assento perpetuo dos governadores, bispos e ouvidores geraes», com a chronica do padre Simão de Vasconcellos, a qual demarcou á meia legua da Villa Velha, dando-lhe o nome de S. Salvador. Fundou-a, essa cidade o «fidalgo de grandes partes, mui experimentado nas guerras de Africa, e da India; nas quaes partes se tinha portado valoroso cavalheiro, e por seus serviços mereceu fiar delle o Rei empréza tão grande, de dar principio a um Estado em que pretendia fundar Imperio», ainda com aquella chronica, edificando os moradores suas proprias casas e os religiosos jesuitas, a primeira igreja que a Companhia teve no Brazil. E aquellas casas e essa igreja nada possuíam de valia como taes. Nobrega e seus companheiros eram os «mestre das taipas, iam ao mato, cortavam as arvores, traziam as madeiras ás costas e o mais necessario; e o mór rigor era, que havia grande falta de sustento corporal, e eram forçados andar pedindo de porta em porta o que haviam de comer, e achavam mui pouco, porquê

era a todos commum a necessidade; iam á fonte pela agua, e ao mato pela lenha, para o que andavam á ligeira em corpo; que não havia entre tanta pobreza, tratar de veste, ou manteo; e talvez nem sapatos havia, nem camisa.» — escreve mais o padre Chronista do que obraram os jesuitas nesta parte do Novo Mundo. Com o correr dos annos, certamente, todos os centros de população fundados pelos portuguezes teriam que se desenvolver. Surgiram assim mais casas de taipa, edificou-se a morada melhor do representante do governo da metropole, e a matriz, a Sé e o Collegio da Companhia de Jesus foram obrados «com proprias mãos, e suores» dos companheiros daquelle a quem, não só os homens, mas tambem os demonios tinham respeito... De sorte que, já antes de 1572, toda a grande edificação que é a igreja do Collegio, na Bahia, mandada construir á sua custa por Men de Sá, se achava concluida, segundo o padre Anchieta em suas *Informações do Brazil e de suas capitánias*; em 1853, a cidade do Rio de Janeiro, situada em um monte de boa vista para o mar, tinha cento e cincoenta visinhos com seu vigario e muita escravaria de terra, possuindo os padres o melhor sitio della, com grande vista com toda a enseada defronte das janellas de seu novo edificio, por acabar ainda, mas já tendo treze cubiculos de pedra e cal, forrados de cedro, os quaes não davam vantagem aos de Coimbra, antes lh'a levavam na boa vista, — e se a igreja era pequena, de taipa velha, então se começava a nova de pedra e cal, na relação da viagem do jesuita Fernão Cardim; e, por cerca de 1629, Olinda era «muito crescida em população e continha oitenta e duas ruas principaes. Possuía habitações e edificios particulares tão sumptuosos que até as fechaduras das portas eram de prata. Em todo o Brazil não havia então nenhum centro populoso mais rico; mas do mesmo modo que crescera em opulencia, augmentava bastantemente em desorganisação social. Estava dividida em duas freguezias, possuía um collegio de jesuitas, um convento de Carmelitas, um de Benedictinos, um de Franciscanos, um Mosteiro de freiras, um hospital de Misericordia com igreja, os dois templos parochiaes, S. Salvador e S. Pedro Martyr, e mais cinco capellas filiaes. Em seu seio havia cento e trinta pa-

dres e frades, um alentado commercio, sendo que as fortunas de taes negociantes se elevavam a vinte, trinta, e até mesmo a cinco mil «cruzados», lê-se-o no Dic. Chron. Hist. e Estat. de Pernambuco, de Sebastião de Vasconcellos Galvão.



Desse modo, mais ou menos, continuou a colonização portugueza por quasi dois seculos além. Antes, ficára já o sonho da *França Antarctica*, do cavalleiro de Malta e vice-almirante de Bretanha, Nicolau Durand Villegagnon, não passando sua *Henriville* (A. Thevet) ou *Ville Henry* (J. Lery), onde viriam viver em socego, e prosperar, os correligionarios do *huguenotte* conde de Coligny, de algumas casas de páu a pique e cobertas de palha, levantadas na ilha de Serigipe... Mas, em 1637, João Mauricio, Conde de Nassau-Siégen, o «Americano», assim chamado por seus contemporaneos para distinguil-o de outros membros da familia, desembarcava no Recife, como «governador, capitão e almirante general dos paizes conquistados pela Companhia das Indias Occidentaes no Brazil, bem como de todas as forças de terra e mar que a Companhia já ahi tivesse ou viesse a ter.» A historia salienta o brilho do governo de Nassau. Vindo para o Brazil hollandez, producto do curso, delle poude dizer De Crane, em sua *Oratio de J. Mauritio Nassaviæ, principis* (1816): «Por toda parte onde se lhe estendia o dominio, a civilização ia levar seus beneficios. Uma multidão de artistas, pintores, esculptores, architectos e mechanicos acompanharam-n'o, ao Brazil ou para lá foram mais tarde a seu convite. Nada o preocupava tanto como o progresso da Geographia, da Astronomia e da Historia Natural.» Effectivamente, o neto do irmão de Guilherme o Taciturno trouxe para o Recife, em sua companhia, além de seu capellão Francisco Prante, bom literato tambem, e o celebre naturalista Piso Leyde, seu medico, o naturalista allemão Maregraff, o pintor Francisco Post, o historiador Nieuhof e o architecto Pieter Post. E Netscher, Barlœus, frei Manuel Calado e Pedro Souto Maior não



deixaram de referir um detalhe do governo Nassau. Aqui, porém, o só intuito temos de tornar patente o *processus* do hollandez colonisar a terra, que lhe não pertencia de direito, quando «A colonia portugueza, pelo contrario, tinha vivido até então no mais completo obscurantismo, sob a suzerania dos donatarios, e nesse obscurantismo continuou depois do dominio hollandez, submissa ao jugo dos governadores, pró-consules do cesarismo portuguez: as queixas dos moradores, abafadas no Conselho Ultramarino, rara vez chegavam até o throno.», na observação do dr. José Hygino. Melhorando Recife cada vez mais, Mauricio chegou a um ponto em que sentiu melhor seria construir nova cidade. Foi o que fez o principe. Depois de mandar demolir completamente Olinda, abandonada por seus habitantes — affirma Netscher — empregou os materiaes na fundação, na ilha de Antonio Vaz, de Mauritzstad, ou — Maurícia, — plano com as fortificações de Pieter Post. Construiu-se logo o palacio Vryburg, para residencia do principe, o qual custou 600.000 florins. Tambem chamado das Torres, tinha o palacio Vryburg aspecto imponente com seus dois altos torreões, servindo tambem de vista de baliza para os navegantes com um alcance a sete milhas de distancia. Pedro Souto Maior, quem o diz em seus *Fastos Pernambucanos*, accrescenta que o interior da nova residencia de Nassau estava guarnecido de esplendidos moveis e bellos objectos de arte, de subido valor; em sua quinta, de coqueiros, laranjeiras, romanzeiras, figueiras, bananeiras e limeiras, havia fontes dagua doce, viveiros cheios de peixes, estribaria bem provida de animaes de alto preço; havia uma praça ao lado, a qual servia de logradouro publico e onde se armavam archibancadas e palanques para as grandes festas; e a frente do edificio dava para o Recife, isto é, para o mar, existindo no terreiro anterior, junto ao rio, uma extensa muralha toda de pedra de cantaria, ficando Vryburg como um castello, separado do resto da ilha por fossos. O principe de Orange, edificada Mauritzstad, quiz ligal-a a Recife, e foi dahi e o «Americano» mandou construir uma ponte na unifluencia dos rios Capiberibe e Beberibe, onde hoje está a ponte Sete de Setembro. Iniciada a obra sob a direcção do engenheiro judeu, natural de Portugal, Balthazar de Affonseca, terminou-a o proprio Nassau, — que aquelle, tendo

já gasto 100.000 florins dos 250.000 florins do contracto da obra, e não conseguindo elevar o decimo quinto pegão de pedra, pois que deparára com uma profundidade de 11 pés dagua e tal correnteza que as pedras lançadas para as fiadas do trabalho rolavam no fundo, desconfiado de si e da propria arte, se confessou vencido e desistiu da empreza, exclamando: «A natureza é mais poderosa que a arte; só força divina conseguirá levantar pegões d'alli em deante; é loucura tentar o impossivel.», dizendo, por sua vez, Mauricio: «O que não é de pedra pode-se fazer de madeira, e nas innumeras florestas do Brazil as ha tão rigidas quanto o granito». Narrando assim semelhante facto, corrigindo o que, anteriormente, escrevera a respeito A. P. Simões, em sua memoria *A Engenharia* (Periodo Colonial do Brazil), para o Livro do Centenario, diz A. de Paula Freitas: «Em todo o Brazil não consta se houvesse feito até então obra mais importante e tão habilmente executada. Aliás, para taes feitos eram os hollandezes peritos engenheiros, e o Recife, verdadeiro Zuydérzé brasileiro, tinha a aproveitar da sciencia hydraulica dos hollandezes.» O principe de Orange, que fôra o primeiro fundador, aqui, de uma cidade, sob plano de um architecto; que edificára o mais rico palacio do Novo Mundo, até então, e que construíra a ponte mais importante do Brazil, antes de 1640, fez ainda, em Recife e Mauricio, outros numerosos melhoramentos, sobretudo a edificação de 464 casas, na sua maior parte sobrados, luxo esse raro naquella época nas outras cidades do Brazil (Souto Maior), e sem esquecer o palacio da Boa Vista, *Shoonzigt*, sobre cuja locação e demais escreve Varnhagen: «O palacio da Boa Vista era situado com a frente para o continente, á direita do encontro da ponte que para o mesmo continente communicava. Era um edificio quadrado, com seis janellas por frente, tendo em cada canto um pavilhão que rematava em coruchéo. No centro deste edificio se elevava outro, tambem quadrado, de mais dois andares, com tres janellas de frente em cada andar.» E daquelle modo, mais ou menos, continuou a colonisação portugueza, por quasi dois seculos além... Eis que surgiram, porém, as Reducções no Rio Grande do Sul, de 1698 por d'avante. Eram ellas constituídas, em sua maior parte, dos retirantes das missões do Guayra, num exodo desastroso for-

cado pelos paulistas ao mando de Antonio Raposo. A Republica Theocratica del Guayra passou breve, muito embora Ciudad Real e Villa Rica tivessem mui se desenvolvido. Pelo relatório da Commissão Keller que foi áquellas paragens (1865), sabe-se que, por quanto mostram as ruínas, a segunda das fundações acima mencionadas fôra construída regularmente, com ruas bem alinhadas, cruzando-se em angulos rectos, e as casas eram, quasi todas, feitas de taipa e cobertas de telhas, de que se encontram fragmentos alastrando o interior dos rectangulos formados pelos restos das paredes, reduzidas hoje a montes da altura de cerca de um metro, com taludes de terra desmoronada, sendo que dos vestigios da igreja que se acham num canto da praça, no centro da cidade, os montes de taipa têm altura dobrada, dos outros, e sobre elle nasceu um enorme monjoleiro. Dominada pelos jesuitas, a Republica do Guayra chegou a possuir cem mil habitantes indigenas. Destruidas taes missões, informa Toledo Piza, nunca mais foram ellas restauradas, e as poucas almas que escaparam á perseguição dos *bandeirantes*, dirigiram-se, umas para o Paraguay, e outras para o territorio situado ao sul do rio Iguassu', onde já existiam outras missões dos mesmos jesuitas, entre os rios Paraná e Uruguay, em terra brazileira do lado esquerdo do Uruguay. O padre Montoya, F. de Basaldua, este em seu livro *Missiones*, e Silveira Netto em *Do Guayra aos saltos do Iguassu'*, entre outros, combinam nessas observações. E essas outras *reducções* prosperaram. Em pouco, constituíram ellas a *Republica Christiana*, na denominação dos proprios jesuitas, ou o *Reino Jesuitico del Paraguay*, segundo o titulo da obra escripta (1770) pelo jesuita Bernardo Ibáñez contra a ordem que o expulsára, ou ainda *El Imperio Jesuitico*, como entende L. Lugones em seu ensaio historico, por encargo, ultimamente, do governo argentino. O facto é que as populações guiadas pelos irmãos de Loyola attingiram certo grau de cultura, sentiram mesmo a civilisação. Fundindo o ferro, pela primeira vez no Brazil — na reducção de S. João Baptista, das Missões Orientaes, fundada pelo padre Antonio Sepp em 1698, — acabaram por dar a fallar-se no «estilo guarany». Abuso de frase, avança Lugones; mas, é no proprio trabalho desse escriptor portenho, que se encontram

mencionados os valôres estheticos differenciaes do «estyllo jesuitico». Emfim, Lugones escreve: «Sabe todo el mundo, que ni siquiera puede decirse con propiedad «estyllo jesuitico», siendo lo único peculiar en la arquitectura de la Compañia el abuso decorativo; mas esto mismo era entonces una moda universal.» E vae, a seguir, quanto á Architectura nas Missões Orientaes, a opinião do padre Carlos Teschauer, da Companhia de Jesus: «Que cultivavam a Architectura nas Reducções demonstram-n'o as ruinas dos templos. Para sua egreja o indio não poupava sacrificios, rivalizando com os povos visinhos em possuir a mais bella e a mais rica de todas. Si estas, como o soberbo templo da Reducção de S. Miguel, cujas ruinas começam a desaparecer, igualavam por grandeza e imponencia ás cathedraes européas, seria, como nos parece a nós, ousado affirmar que, por suas proporções de altura, estyllo architectonico e bom gosto, rivalisassem com as obras da Europa, já que foram construidas em condições tão desfavoraveis, já em época em que o bom gosto neste ramo das Bellas Artes andava se deteriorando em toda a parte; porém, sim, que nestes templos não se regateava fadiga nem diligencia alguma, e que, implantados em logares tão longinquos e desertos, onde era difficilimo obter qualquer auxilio, surgiam como uma verdadeira maravilha perante o viajante que os visitava e em cada caso se podiam apresentar com vantagem ao lado das maiores cathedraes que então se construíram na America. Não admira o que escreve um fino observador — refere-se o padre Teschauer a Cardiel em seu *De moribus Guaraniarum* — que, conhecendo as cathedraes de Hespanha, pôde exprimir-se assim, em 1714: «As egrejas são esplendidissimas por dentro. Não só os tabernaculos dos cinco altares, sinão também as columnas das naves, as emmoldurações das janellas, as abobadas e o recinto inteiro resplandecem com variadas esculpturas, côres e ouro, de maneira que, quando se abrem as portas e penetra a luz do sol, enche o coração de alegria tanta magestade.» Isto, a despeito da opinião do ensaista de *El Imperio Jesuitico*: «Primeramente los paulistas con su horrenda incurcion á la Guayra, que malogró por muchos años la empresa jesuitica y empequeñeció para siempre su magnitud; después Carlos III, con su radical medida, librarón

á la America futura del tropiezo más grave que habria sufrido al emanciparse. Ya lo probaron quando los comuneros, á quienes imputaron principalmente las idéas separatistas, que eran para la Corona el crimen irreparable.» E daquelle modo, insisto, continuou a colonisação portugueza, por quasi dois seculos além !

\* \* \*

Descobriu-se o Brazil no tempo da Renascença Portugueza, o terceiro periodo da arte em Portugal, iniciado e desenvolvido por el-rei D. Manoel, o Venturoso. O estylo manuelino, tão rico de ornamentos e bellas e graciosas linhas geraes, producto da fusão do gothico, da Renascença então em começo no reino e ainda do indiano, pois delle se encontram entrelaçados exemplos decorativos no mesmo monumento — affirma J. R. Christino da Silva — «E' a resistencia do estylo gothico contra o estylo de Francisco I», na definição de Alexandre Herculano não esquecida por Raczynski, na concisa formula igualmente simplista do pensamento de Ramalho Ortigão : «O estylo manuelino é na architectura da Renascença em Portugal a resistencia do naturalismo nacional contra o classicismo estrangeiro». Registado na Italia por Vasari, o qual, «por meados do seculo XVI, referindo-se á viagem de Andréa Contucci, diz que nas obras então feitas em Lisboa pelo famoso architecto de Lourenço de Medicis, elle se vira constrangido a cingir-se ao *uzo da terra*, o que vale o mesmo que dizer aos preceitos e ás praticas locais de uma especial estetica, que já ao tempo de D. João II começava a definir-se e a fixar-se consuetudinariamente na architectura portugueza» (Ramalho Ortigão : *Os Jeronymos*, em *A Arte e a Natureza em Portugal*), foi-lhe dado nome, por Varnhagen, — manuelino, termo que Ortigão não diz «seja do mais claro sentido tecnico nem de uma rigorosa exactidão historica, applicada á qualificação de um facto que tinha raizes anteriores e teve ramificações subsequentes á intervenção pessoal de D. Manoel, mas abre um capitulo novo na historia da arte a circumstancia de se principiár a especialisar

com determinada designação uma forma architectonica, que prevaleceu em Portugal, durante cerca de um seculo, particularmente alentada e favorecida por D. Manoel, o mais espantosamente edificador de quantos reis tem havido.» Foi moda, até ha bem pouco, em Portugal, contestar-se a originalidade do estylo manuelino. Mas Charles Yriarte, na *Gazette des Beaux-Arts*, Justi, que em seu estudo *Artes em Hespanha* considera como semelhantes ao «estylo manuelino portuguez» algumas obras da architectura da Renascença em Hespanha a salientar o pateo do palacio do infantado, em Gualdajara, e Albrecht Haupt em seu livro *A Architectura da Renascença em Portugal* assignalam a accentuação caracteristicamente e inconfundivelmente portugueza (Ortigão) do estylo de Belem. E' mais Ribeiro Arthur, que em seos *Artistas Contemporaneos* escreve: «Uma arte nacional irrompe da alegria do esforço heroico coroadado, e o estylo que tomou o nome do rei venturoso, vae, por todo o paiz, espalhando a esphera armillar nas mil construcções que a riqueza subitamente adquirida levanta.» E ficam monumentos manuelinos as Capellas Imperfeitas da Batalha, obra de Matheus Fernandes, continuadas por João de Castilho, que as não terminou por não querer o rei corrigisse a obra manuelina a arte da Renascença Italiana, o Mosteiro dos Jeronymos, dos architectos Diogo Boytaca e João de Castilho, O Convento de Christo em Thomar, do mesmo Castilho, a Torre de Belem, de Garcia de Rezende, a fachada da igreja da Conceição Velha e a Madre de Deus. O dominio hespanhol, porém, suffocara a iniciativa portugueza, menos pelo captiveiro politico que pela intolerancia religiosa, e vinda a restauração, Portugal nem mesmo encontrou o pouco do Renascimento Italiano que se fizera, logo depois de D. João III. A intellectualidade portugueza deu de frente com a decadencia barôca, sem o gosto italiano do tempo que immediatamente correu sobre a fundação do collegio e da igreja dos Jesuitas em 1562, em Roma, significando o barôco evoluído do classico para a arte da Companhia, milicia do Papado. Diz R. Schneider, em *Perouse*, «... et c'est l'art baroque, expression du catholicisme moderne, élaborée dans la Rome de saint Pierre par les sectateurs de Vitruve, de Bramante et de Michel-Ange, qui s'impose désormais á son génie seculaire. Il

y durera de la fin du XVI<sup>e</sup> siècle á la fin du XVIII<sup>e</sup>; adaptant les éléments de l'architecture et du décor antiques á des effets nouveaux de pompe et de richesse. Il n'est plus ni nécessaire comme une fonction de la vie de la cité, ni populaire: c'est un luxe, qui naît de la volonté, et se réclame de théories et de règles. Les legats, un architecte, et une congregation, en préparèrent l'événement.» E' o barôco o estylo de Bernini com sua columnata circular da praça de S. Pedro, Borromini com sua fachada para a igreja de S. Carlos e Francesco Castelli com seu desenho para o Duomo de Milão, do qual disse o rival do discípulo de Maderno ser «a maravilha dos olhos e a ultima palavra da arte.» Mas este estylo jesuitico não passa da degenerescencia da arte da Renascença (á rapprocher par ses défauts de l'efflorescence flamboyante de l'art gothique), annotação essa assim mesmo paratheticamente feita por Joseph Gauthier em seu *Graphique d'histoire de l'Art*. E o peor é que, em Portugal, para os fins de Seiscentos, o barôco soffreu certa modalidade, recebendo o nome de renascença jesuitica... Veio, depois, o estylo D. João V, influencia para cá dos Pyreneus, mas ainda na Europa, da arte a serviço da côrte dos Luizes de França. E' o quarto periodo artistico portuguez. Attesta, sobretudo, opulenta riqueza. O rei de Portugal, dizem, reflectia Luiz XIV, o Grande. Fez-se a «ornamentação D. João V», muito da do segundo periodo do «estylo Luiz XV», o rocóco (*rocaille*), apuro doentio do barôco, capricho de falsa esthetica, «d'une expression souvent mièvre et frivole», e «presque complètement étranger au lois de la symetrie», conforme Leon Osmond em *Les Styles dans les Arts*. De outra parte, foram construidas obras monumentaes, umas de pura ostentação e outras de utilidade publica, demonstrando todas o extraordinario dispendio de seu custo, dellas: a Patriarchal, desaparecida hoje; a capella de S. João Baptista na igreja de S. Roque em Lisbôa, construida e erigida em Roma, afim do Papa rezar missa nella, a qual foi depois desmontada, transportada para Lisbôa e ali reconstruida, e o mosteiro de Mafra, a maior obra de Portugal e, sem pessimismo, talvez, a menos architectural. A reedificação de Lisbôa, que o terramoto de 1755, em alguns minutos apenas, transformara em ruinas, trouxe, afinal, o singelo estylo

pombalino. São também da segunda metade do século XVIII diversos palácios realengos e aristocraticos, e grandes edificios religiosos. Com o palácio real de Queluz, obra do architecto Matheus de Oliveira, ornamentação rococó de Jean Robillon, e alguma cousa de Versailles e Trianon, é bem de vêr o palácio do marquez de Pombal e Oeiras, a Basilica do Coração de Jesus, sobre o monte da Estrella, dos planos dos architectos Matheus Vicente e Reynaldo Manoel, e a Igreja dos Clerigos, no Porto, do architecto italiano Nicolau Maroni.

\* \* \*

A Metropole que vivera, sobretudo faustosa com D. João V, esqueceu sempre sua colonia da America, de onde, quiçá, mais lhe ia de riqueza. Nada podiam fazer os governadores e capitães-generaes pelo Brazil, onde a chronica attesta não existira nunca o palácio. Os proprios representantes do governo de Lisbôa tinham, aqui, suas residencias de governadores e capitães-generaes. A Escola de artilharia e architectura militar, fundada na Bahia em 1669, a qual contava já em 1713 certo numero de partidarios ou cooperadores — informa Manoel Querino em *Artistas Bahianos* — tinha só em conta preparar o constructor de mais um forte para defeza da cidade contra quaesquer invasores. A obra mais importante que a colonia recebeu foi no governo da capitania do Rio de Janeiro, de Gomes Freire de Andrade, que, achando não offerencia segurança e firmeza o aqueducto da Carioca, obra de Ayres de Saldanha, dez annos antes inaugurada, deu á sua construcção, em 1733, um plano racional de grandeza e solidez nas duas arcadas de pedra e cal, a superior com quarenta e dois arcos, lembrando as das Aguas Livres de Lisbôa. Pesquisa alguma me foi favoravel para conhecer, no correr de tantas decadas, o nome de um só architecto mandado pelo Reino ao Brazil e para o que fosse. Entretanto, a terra nova, sempre farta de ouro e riquezas outras, jamais deixára de contribuir com quanto lhe exigissem para o esbanjamento de Mafra, feito em cumprimento de um voto de D. João V, suspiroso

por ter successor. Nem mesmo a quando da accentuação do quarto periodo artistico de Portugal, a Metropole achou conveniente embarcar com destino ao Brazil os architectos e esculptores, que, no Reino, tinham seus postos propositadamente occupados por estrangeiros, entre outros, o allemão João Frederico Ludwig (Ludovice), architecto-mór com patente e soldo de brigadeiro, e que foi o encarregado da construcção do enorme convento de 5.200 portas e janellas, e Alexandre Giusti, o esculptor das *Adorações a Nossa Senhora*. O Brazil, porem, deu um passo: foi o vice-reinado, mudando-se da cidade da Bahia para a do Rio de Janeiro sua capital. E veio o primeiro vice-rei progressista, o marquez do Lavradio, que, é da historia, cuidou da limpeza da cidade, mandou calçar e lagear as ruas, aterrar os pantanos circumvisinhos, e construir matadouro e curraes na praia de Santa Luzia; levantou dois chafarizes, um na Gloria e outro em Mattacavallos; abriu — desse bairro ao campo da Lampadosa, chamado depois do Rocio — a rua que recebeu o nome de Lavradio; deu novo aspecto ás casas da cidade, mandando retirar os peneiros ou *grupemas* (tecidos de palha), que guarneciam as janellas e portas das casas terreas, e removeu, do centro urbano para a praia do Valongo, os armazens em que os negros da Africa eram expostos á venda, afastando, com essa providencia, as molestias contagiosas que os africanos espalhavam na população, tornando assim povoados os bairros da Saude, Gamboa e Sacco do Alferes (Max Kitzinger). A obra do marquez do Lavradio foi bem continuada por Luiz de Vasconcellos e Souza, salientando os historiadores, entre outros, estes seus feitos administrativos: calçamento do largo do palacio, com solidez e gosto, e dando-lhe setenta e cinco braças de comprimento, desde o cães até o convento do Carmo, e quarenta e cinco de largura, construcção, naquelle largo, de um cães com cento e cinco braças de comprimento, abertura da rua das Bellas Noites, reedificação do Recolhimento e igreja do Parto, e construcção do Passeio Publico, o primeiro jardim da cidade, projecto do mestre Valentim. Pondo de lado as numerosas descripções de cidades brasileiras, facilmente encontradas nos livros de viajantes na America, desde o XVI seculo, quero crer não encontre, attento o caracter deste meu en-

saio historico-critico, impressão mais bem dada sobre as construcções, a Architectura tambem, no Brazil de até Setecentos, que esta de Eduardo Prado, em *L'Art*: «A' medida que a população augmentava na Bahia e em alguns outros pontos da costa, as construcções tornavam-se mais importantes. Tendo, porém, os Jesuitas e outras ordens religiosas a alta direcção da colonia, era natural que a arte assumisse o character religioso. Começou a ornamentação faustosa do interior das egrejas, que eram sempre as mais importantes construcções das cidades nascentes, compostas apenas de casas cobertas de palhas e palmas. Desapparecendo essa cobertura, foi substituida pelas grandes telhas convexas usadas em Portugal. As casas projectavam exteriormente as largas bordas dos seus telhados, que facilitavam o escoamento das chuvas torrencias dos tropicos. Todas essas casas, d'um só andar, tinham, conforme o costume do Sul da peninsula iberica, as janellas embrechadas, protecção contra o sol ou talvez lembrança da reclusão das mulheres, cuja tradição mourisca haviam herdado Hespanhóes e Portuguezes. As egrejas primitivas foram, em maioria, reconstruidas no seculo XVIII, porque, sendo feitas com materiaes inferiores, não puderam resistir ao tempo nem ao clima.» Eram, sim, as egrejas as mais importantes construcções das cidades nascentes, e, no Brazil-colonia, ficaram os unicos monumentos architecturaes. Ao gosto do barôco do tempo de Castelli umas e á feição do jesuitico feito por Carattoli outras, ha-as tambem amostras do Renascimento Italiano, da «renascença jesuitica portugueza» e do rocóco. E si Porto Alegre achou que as egrejas do Brazil têm uma forma particular, que se não encontra na Europa, Araujo Vianna estabelece que, no Rio, o estylo jesuitico se adaptou ás antigas e o rocóco para as demais, emquanto Ricardo Severo não tactêa, segundo o criterio archeologico da composição architectonica, definindo alguns typos genericos e destacando-os em grupos primitivo e secundarios. A belleza dessas egrejas está mais no poema da melhor religião que lhes ouvimos, desde a fundação daquella capellinha branca da Victoria da Bahia. Neste Estado é que estão as maiores egrejas dos tempos coloniaes. Destacam-se, porém, dentre todas, a Cathedral (antigo Collegio dos Jesuitas) e a da Conceição da Praia, ambas cons-

truidas externa e internamente de cantaria de Lisbôa, ambas de estylo simples e correcto: Renascimento Portuguez aproveitado ao bom Renascimento Italiano. A Cathedral tem o frontão central dominando o edificio; as duas torres lateraes cobertas por uma pyramide tetraedra dão harmonia ao monumento severo, ainda classico. Nessa igreja, em nada parecida com as edificadas no seculo XVI, chamam a attenção as duas grandes volutas como rematando o frontão. Devem de ser citadas tambem, na Bahia, as igrejas de S. Bento, sobresahindo o frontispicio ao sabor do Renascimento, mas com o frontão da decadencia, e cujo altar-mór é 'de marmore de Carrára; N. S. da Piedade, com a fachada de estylo romano sem, entretanto, offerrecer maior importancia, e que é a unica na cidade do Salvador a possuir tres naves; S. Francisco, cujo interior é todo uma obra de talha de effeitos surprehendentes com columnas torsas e toda a ornamentação borrominica dourada, e Ordem Terceira de S. Francisco, onde o barôco do XVII!! seculo, dito a «architecture de peintre» está perfeitamente justificado, pois que sua fachada, como se fôra mesmo o interior da igreja de S. Francisco ou a sacristia da cathedral, é um capricho em esculptura de madeira. Em Pernambuco, encontram-se as igrejas da Penha em Recife e Carmo em Olinda, esta ultima arruinando-se desde 1845, e ambas flagrantemente attestados do abastardamento do typo do antigo Collegio da capital bahiana. O Rosario e S. Francisco de Ouro Preto, a matriz de Caethé e o Carmo de S. João d'El-Rey representam variedades jesuiticas interessantissimas. Risco e construcção do *Alejadinho*, já se disse, é menos para salientar nellas, significando um pretense novo valor esthetico, a preocupação das curvas a formar um typo de architectura, que a ornamentação caprichosamente «rocailleuse» das portas e janellas dos mesmos templos. Para as igrejas do Rio fez o conferencista *Das Artes Plasticas no Brazil* uma classificação que dá os conventos de S. Bento, Santo Antonio e Santa Thereza; a Cathedral, a Cruz dos Militares, a Conceição, a Boa Morte, S. Sebastião e Santo Ignacio de Loyola como pertencendo ao jesuitico italiano, e o Carmo, S. Francisco de Paula, Mãe dos Homens, Bom Jesus do Calvario, Santa Luzia, S. José e Santa Ephygenia como sendo do rocóco. A capella da Misericordia,

de frontão curvo, Araujo Vianna classifica-a no jesuitico francez. E Porto Alegre em *Algumas idéas sobre as Bel-las Artes* (1850), assim explica porque «as nossas egre-jas têm uma forma particular, que se não encontra na Europa, e esta forma, nascida de uma necessidade da época, tem passado a crear um typo de construcção, para o qual machinalmente ainda se caminha pelo espirito de imitação e de rotina, e que para conserval-o se effectuam os novos templos, sem que um principio religioso, ou alguma bel-leza d'arte autorise semelhante forma. Temos corpo de igreja e capella-mór, este sempre mais largo do que a outra, e por que? Porque, nos templos primitivos se edificaram capellinhas, e com o progresso da população veio a necessidade de se engrandecerem os templos; uniú-se a estas capellinhas outro corpo maior; fez-se um arco para communicar o novo corpo com o velho, que ainda se chama *arco cruzeiro*, sem que a igreja tenha a forma da cruz, como as que foram construidas na edade flores-cente do christianismo, e quando se fizeram essas ma-ravilhas que illustram as cidades de Reims, de Colonia, de Spira, de Cantuaria, Toledo, Pariz, Milão, Lisbôa, Pa-lermo, e outras muitas. E os nossos architectos, enge-nheiros e mestres de hoje vão riscando e construindo, por um principio de imitação, aquillo mesmo que foi fi-lho da pobreza colonial, e que os tempos foram ornando, sem consultarem quaes os principios de harmonia, ou de utilidade, que occasionaram semelhante salto de linhas, e o acanhamento natural que resulta de um tal estreita-mento. Veja-se o Carmo, S. Francisco de Paula, Capella Imperial, a Cruz, Santa Rita, e todos os mais, excepto S. Bento que é o melhor e o mais regular de todos.» E Porto Alegre que, parece ter olhado sem interesse para os typos isolados dos templos da Gloria do Outeiro, de projecção polygonal, e de S. Pedro, de forma curvili-nea, — esta ao modo romano sob o jesuitico do XVIII seculo e aquella participando do estylo Luiz XV, lança suas vistas para a «architectura de pintor» da igreja de S. Francisco da Penitencia, cujo interior é um precioso tra-balho de talha dourada, dizendo de seu tecto ser «obra de mestre onde as regras da perspectiva se acham desen-volvidas em toda sua magia», e fixa sua attenção na Cruz dos Militares, escrevendo: «A sua architectura pertence

á época immediata á da architectura jesuitica, mas que se acosta mais ao estylo classico do que os outros templos, onde a escola borrominica alardeou toda a pompa caprichosa das suas combinações grotescas e que hoje fazem as delicias das borboletas parisienses. Propensa ao classicismo, a igreja da Cruz é o templo que possuímos de uma architectura mais regular: as linhas que entram na ordenação da fachada, sem ter o peso das da Candelaria, nem o curvado dos fastigios do Carmo, de S. Francisco e de S. Pedro, conservam uma agradável harmonia em suas proporções; as areas são bem calculadas, os ornatos distribuidos com uma intelligente economia, e as proporções das ordens, seus perfis e ligação bebidos nas obras dos mestres italianos do seculo atrazado, que, pretendendo realizar a grande palavra de Buonaroti quando creou o novo Capitolio, cahiram nesses desvarios preconisados por Maderna e Bernini, tendo em completo esquecimento as obras de Paladio, Bramante e Sansovino. O alpendre dorico de sua fachada é uma obra bem acabada; a mistura do granito e do marmore é feita com intelligencia e gosto, e os ornatos externos da escola borrominica são muito bem acabados, principalmente os da porta principal.» A obra de talha da Cruz é de mestre Valentim, o «puncto esculptor brasileiro» (Gonzaga Duque, *Arte Brasileira*), vindo de Lisbôa todo o marmore para o monumento architectural. Construida sob o risco do brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, a Cruz é ainda uma das poucas igrejas coloniaes que guardam o nome do brigadeiro, ou do sargento-mór de engenheiros, ou do *mestre* que as projectou...

---

### III

A fuga de D. João, príncipe regente de Portugal, que aqui veio ter, com enorme companhia, pelo anno de 1808, pondo-se a salvo do jugo napoleónico, mudou por completo a vida politica do Brazil. Os historiadores já se desobrigaram, felizmente, do compromisso que haviam tomado para com os posteros, destruindo a lenda de que o filho de Maria I não passava de um glutão, um imbecil. E em quanto poudo, em verdade, o príncipe regente, e depois rei do Brazil, tudo aqui procurou fazer, para que a nação entrasse logo a figurar entre as da vanguarda da civilisação. Foi para isso, sobretudo, que D. João tratou e conseguiu a vinda para o Brazil da missão artistica de 1816. O pensamento do príncipe regente era fundar a Academia de Bellas Artes, afim de desenvolver a cultura artistica do povo. Exigia, então, muito D. João, notadamente porque a missão indicada por Humboldt e organizada por Lebreton ficou constituída de cerebros potentes, artistas de raça, uns membros mesmo do Instituto de França. Eram Joaquim Lebreton, João Baptista Debret, Nicolau Antonio Taunay e Augusto Henrique Victorio Grandjean de Montigny. Effectivamente, a Academia foi fundada, riscando logo o seu edificio, o primeiro palacio, obra de arte, que ia ter o Brazil, o discipulo amado de Charles Percier, o architecto de Napoleão, e o discipulo querido de Fontaine. Por esse tempo, só havia no Rio de Janeiro, alem das egrejas, ou, melhor, alem da igreja construída pelo brigadeiro Sá e Faria, o aqueduto da Carioca, grandioso em sua simplicidade romanica. A residencia dos

governadores, construída pelo Conde de Bobadella, não n'a pudera reparar o vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, e o casarão acaçapado continuava a ostentar o arremedo infeliz do barôco, levado a estylisar o monumento architectonico civil em seu todo. E Eduardo Prado registou em *L'Art* que «Nessa época difficilmente se poderá pretender que houvesse gosto pela pintura e esculptura; até nas egrejas nada se encontrava senão ornamentos sobrecarregados de ouro, substituindo as obras de arte auzentes.» E a cidade... Sobre a cidade, trinta annos depois, ainda escrevia Porto Alegre: «Uma lei que obrigava o vassallo portuguez, que chegasse a possuir uma fortuna mediocre, a regressar á mãe patria, fez com que os habitantes desta terra, já acclimatados, e gozando de regalias que a sociedade européa lhes negaria, fossem forçados a comprar tres braças de terra, e a construir em umas casinhas de tres portas, para occultarem com o tempo uma cidade, que se pode chamar: a cidade das tres portinhas; caracter distinctivo do Rio de Janeiro, e que só desaparecerá quando esta primeira, e mesmo a segunda camada de edificios cahir, ou se reconstruirem a novo; ou quando no espirito dos brazileiros se desenvolver em larga e permanente escala o gosto pela architectura, pela symetria e pelo commodo, ou então que elles chamem para compôr as suas Camaras Municipaes a varões que saibam alguma cousa mais que o ordinario dos homens e que preferirão o engrandecimento do seu paiz ás temporarias consessões do egoismo inqualificavel da epoca, a quem cabe a gloria de deixar grandes entraves e horriveis despezas aos vindouros.» A physionomia urbana do Rio de Janeiro, em 1850, era, talvez, peor que a traçada por Porto Alegre. De qualquer forma, porém, foi a quanto pode então chegar o Rio, construído pelos jesuitas que «respeitaram judiciosamente em suas obras as exigencias do clima e dos materiaes proprios do paiz», conforme a informação de J. B. Debret em seu precioso livro: *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Porque, por aquelle tempo, ainda não conseguira a acceitação dos cariocas o estylo emigrado com D. João, o renascimento pombalino. A *rotula* imperava a despeito de tudo. Grandjean Montigny, seus auxilia-

res C. H. Levavasseur e L. Simp. Meunié e, mais, seus discipulos eram esmagados pela massa, incapaz de comprehender a Architectura e que tanta admiração tinha pelas construcções dos Cravões e Borges, este ultimo elevado á cathegoria de architecto da cidade, por artes verdadeiramente jesuíticas de Henrique José da Silva, director da Academia. Quanto ao palacio desta, puro neoclassico, bello e sereno. O seu architecto, o adaptador do Palacio dos Medicis, em Roma, para installação dos artistas francezes, fez ainda outras obras no Rio: edificou a Praça do Commercio, ora demolida, o antigo mercado da Candelaria, a sala do expediente da Alfandega, projectando e construindo diversas residencias particulares, a salientar o predio do Sr. Barbosa á rua do Passeio, esquina da rua Barão de Ladarío, e o do Sr. Dias em Catumby. Grandjean influiu bastante nos melhoramentos ornamentaes da cidade; deve-se-lhe, observa Ribeiro de Freitas, a ordenação uniforme dos edificios da Praça Municipal e sua decoraçáo, por occasião da vinda da Europa da imperatriz do Brazil; elle iniciou a fonte ornamental da praça Onze de Junho, que ficou como está, incompleta portanto, mas ainda assim digna de attrahir a attenção do architecto pelo seu character decorativo em perfeita harmonia com a arborisação que completa o conjuncto artistico do local. Grandjean, o solitario da Olaria, era um cerebro portentoso, concebendo planos admiraveis de monumentos architecturaes. Devemos-lhe ainda os projectos de uma cathedral-pantheon, uma bibliotheca em estylo egypcio, um palacio imperial e um edificio para o Senado. O artista admiravel, filho espirital de Percier, o architecto de Jeronymo Bonaparte, chamado a iniciar o ensino da architectura no Brazil, depois de ir a Italia e a Westphalia, onde deixou obras de valor inestimavel, era um grande modesto, e com razão Ribeiro de Freitas escreve que a modestia de Grandjean foi de certo embaraço a que a sua influencia se manifestasse mais intensamente para imprimir cunho novo á Architectura na ex-colonia portugueza; mas, indubitavelmente, ao estylo classico se filiarão os edificios erguidos, quer no Rio de Janeiro quer em outras cidades, durante grande parte do periodo monarchico brasileiro, em sua grande maioria por architectos e en-

genheiros nacionaes. São os primeiros monumentos influenciados pela escola de Grandjean os de Domingos Monteiro e Jacintho Rebello para a Santa Casa de Misericordia. Sem a iniciativa precisa, porem, para levar de vencida a rotina, os discipulos do solitario da Olaria deixam-se ficar em caminho; enquanto os funestos *mes- tres de obras* riscavam sempre, isso ou aquillo, mais uma *rotula* emfim. Porto Alegre, pintor, architecto, esculptor, poeta, e critico traça artigos e risca edificios, trabalhando heroicamente para a salvação do que já se havia conseguido. Então, escreve elle: «A Camara Municipal é o expressor popular da capital; se ella desconhece a palavra architecto, como se pôde aspirar á outra cousa que não seja além de uma creação infantil. Os dois monumentos que se levantam nas praias de Santa Luzia e Vermelha, tem uma origem individual; por assim dizer, e não podem, attestar contra o principio que proclamamos, e que é a verdade pratica da vida das nações. Nos tempos da fé se erigem templos e nos tempos de sceptismo nada se faz: se acreditassemos em nossas instituições já teriamos delineado tres palacios: o do imperador, o do Senado, o da Camara dos Deputados; se á pobreza e á loucura se elevam dois monumentos pela vontade de um homem, quantos se não levantariam pela vontade nacional, que é a maior de todas as vontades, da terra?» A palavra de Porto Alegre vae fundo e longe; o architecto da varanda da coroação de Pedro II investe, a todo momento, contra o governo da cidade, indicando-lhe o caminho a seguir, para o breve melhoramento do Rio. Enquanto isto, passam os discipulos de Grandjean de Montigny: Job Justino Alcantara, especialista na architectura commemorativa e ephemera; João José Alves, que projectou o antigo Instituto Nacional de Musica; José Antonio Monteiro, que traçou a fachada e os lados da Prefeitura; Jacyntho Rebello, José Rodrigues Moreira e, por fim, Bethencourt da Silva. Este ultimo ficou o architecto de Estado, mantendo durante longos annos, a representação da Architectura nesta capital. Deve-se-lhe muito: desde o emprego dos nossos granitos em revestimento geral das fachadas dos edificios até a queda do fanatismo do classico. Apresenta-se como obra sua de não vulgar ar-

rojo a adaptação da flecha á torre da egreja do Sacramento, substituindo com felicidade as cupolas e corucheus barôcos. Reconhece-se mais em toda a vasta obra de Bethencourt da Silva a ancia de imprimir character á arte nacional e integralizar os processos classicos em um typo architectonico da Architectura Brasileira. Outros architectos vieram contemporaneamente ao remodelador das posturas de outróra, o modificador do pé direito das nossas habitações e da largura dos vãos dos commodos interiores, fazendo triumphar a linha recta em contraste com as vergas curvas ou arcos de portadas, e bem assim depois d'elle. Daniel Ferro Cardoso projecta e executa o zimborio da Candelaria, a maior egreja do Brazil, a magna expressão do barôco em o nosso paiz, e José de Almeida Magalhães traça os monumentos architectonicos e architecturaes de Bello Horizonte.

---



#### IV.

A remodelação do velho Rio na capital de hoje, rasgando-se a Avenida Central e outras e construindo-se seus grandes edificios, projectos de nomes de certa responsabilidade na Architectura no Brazil, neste momento, ficou a obra mais importante do nosso paiz, desde o seu descobrimento. E' verdade que, á revelia da arte, a remodelação da capital da Republica Brasileira, sua metamorphose, deu margem aos arrivistas, para a perfuração do meio ambiente. Os «desenhistas architectos» atiraram-se, num prompto, sobre os albuns de architectura franceza, austriaca e italiana, — aponta o crime o architecto Ludovico Berna, — «rabiscando habitações e edificios publicos, que constituem verdadeiro moísaco de disparates decorativos, conjugados aos mais flagrantes *erros de mecanica* apparente, e que se mantêm de pé graças á bôa qualidade do material empregado.» Sabe-se tambem que os engenheiros dos Ministerios interveem directamente na construcção de qualquer monumento architectural, cuja belleza não sentem, deformando-os por isso, com facilidade. E é doloroso registrar-se, nesta epoca, o descaso que mantem as municipalidades pela legislação razoavel sobre a construcção da nossa casa, bem assim o desinteresse com que muitos dirigentes nacionaes olham para o que é o expressor magno da civilisação — a Arte, miragem de todo o povo brasileiro do nosso seculo, de gerações fortes, vibrando o Pensamento, vibrando o Amor, vibrando o Bello: sentindo, soffrendo e gozando a Arte. Seria a Renascença, si a anarchia não continuasse estendendo seus

tentáculos por ahi norte e sul do paiz alem... Seria a Renascença si fosse unificado o trabalho, a construcção, a Architectura, aqui no Rio, em Manáos, na Bahia, no Rio Grande do Sul, em Minas Geraes e em S. Paulo... Seria a Renascença, com os Theatros Municipaes desta capital e da Paulicéa, as Academias de Bellas Artes da Bahia e do Rio, os palacios do governo do Rio Grande do Sul e de Minas, o Monumento do Ipyranga, — em fim com todas essas obras architecturales e não só architectonicas (Baudot), projectos de verdadeiros architectos, cujos nomes, por certo, passarão á posteridade. Seria, sim! a Renascença, talvez tambem a significação da Arte Tradiccionista Brasileira que, em S. Paulo, espiritos de selecção procuram arrancar do que não sabemos guardar, legado pelos nossos maiores.

---

